

Além da imagem – uma escavação cultural¹

Samantha Ciuffa JACYNTHO²
Universidade Sagrado Coração, São Paulo, SP

RESUMO

Diante do fato de vivermos rodeados de imagens o tempo todo, há de se concordar que temos a obrigação de estudá-las além de sua superfície. Antes de estarmos aptos a fazer uma análise imagética de qualquer objeto, precisamos discutir a complexidade de seus conceitos e funções. Falar de imagens, no entanto, possibilita a abertura de um vasto caminho, pelo qual poderíamos chegar a lugar nenhum. Escolhemos a Semiótica da Cultura como teoria que embasa e possibilita a discussão almejada, através de autores como Baitello (2005), Bystrina (1995), Flusser (2011), Kamper (2002) e Wulf (2013). A decisão de limitar este artigo a um estudo bibliográfico possibilita uma escavação dentro do universo imagético que aborde desde conceitos etimológicos a reflexões mais aprofundadas, a fim de contribuir para futuras pesquisas neste mesmo cenário.

PALAVRAS-CHAVE: imagem; semiótica; cultura.

Tomando como ponto de partida o conceito etimológico de “imagem”, podemos fazer uma viagem histórica, pois, do latim *imago*, extraímos o significado de “retrato da pessoa morta” (BAITELLO, 2012, p. 99), uma vez que este termo era designado às máscaras que os romanos costumavam fazer dos mortos para que suas fisionomias não fossem esquecidas. Segundo Baitello (2012), os gregos também produziam máscaras mortuárias, feitas em folhas de ouro. Os egípcios preservavam seus mortos através da mumificação. Há registros de povos em diferentes culturas que buscavam preservar a imagem daqueles que se foram.

Os crânios de Jericó, de aproximadamente 7 mil anos atrás, são evidências de que o culto aos mortos existia já nas comunidades mais antigas. Wulf (2013) descreve que os crânios eram moldados com pasta de cera e havia conchas inseridas no lugar dos olhos. “Com a ajuda de tais artefatos, a comunidade produzia imagens dos mortos, por meio das quais a ausência do falecido tornava-se presente mais uma vez na comunidade, muito embora como imagem.” (WULF, 2013, p. 26). Na mesma linha de pensamento,

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

² Graduada do Curso de Jornalismo da Universidade Sagrado Coração, email: samanthaciuffa@gmail.com.

Belting (2001, p. 144 *apud* Wulf, 2013, p. 27) afirma que a imagem de uma pessoa morta é o significado original do que é imagem, “o morto sempre estará ausente, morte é uma ausência insuportável que se pretende preencher com uma imagem para torná-la suportável”.

Figura 1 – Crânios de Jericó



Fonte: Geocities

É possível associar a “evolução da autoconsciência do homem à consciência da morte.” (BYSTRINA, 1995, p. 18). Portanto, o homem, nos primórdios de sua existência, ao adquirir consciência de si, percebe que a vida, um dia acaba. A partir deste momento, ele espera pela sua própria morte, assim como de seus entes. A consequência se dá pelo fato de que “a inexorabilidade da morte, que ameaça de todos os lados, o tortura e ele tem que se reconciliar (ou se conciliar), durante a sua vida, com o seu fim”. Este é o momento em que o medo de morrer se instaura na vida dos homens.

Kamper (2002, p. 9) declara que “contra o medo da morte os homens só têm a possibilidade de fazer uma imagem dela. Por isso às imagens se prendem os desejos de imortalidade”. Percebemos, neste primeiro instante, que a representação imagética tem uma ligação íntima com a morte. A imagem nasce a partir da necessidade do homem de manter presente algo que está ausente, além de ser também uma tentativa de vencer a morte.

Voltando a pensar sobre a etimologia do termo “imagem”, em grego, *eikon* ou *eikos* significam “a efígie impressa de um selo, a imagem refletida, e ainda a sombra de uma pessoa [...]” (KAMPER, 2002, p. 4), o que nos leva à natureza de semelhança, retrato e imitação. As considerações de Platão caminham neste mesmo sentido. Silva (2001) descreve que os primeiros exemplos utilizados pelo filósofo para ilustrar o que é

imagem foram os reflexos na água e no espelho, as pinturas e esculturas. De acordo com Platão, imagem é “uma coisa parecida feita à semelhança daquilo que é verdadeiro” (SILVA, 2001, p. 78). São “representações daquilo que elas próprias não são” (WULF, 2013, p. 31). As primeiras definições nos levam, portanto, à função representativa da imagem.

O correspondente em alemão, *bild*, segundo Kamper (2002, p. 2), traz consigo ambigüidade, podendo significar, ao mesmo tempo, essência e mera cópia. Essa ambivalência evidencia a magia presente na natureza da imagem. Kamper (2002) explica que

De um lado se sublinha, portanto, aquilo através do qual algo recebe sua forma, alcança sua essência, chega ao pleno desdobramento de sua força miraculosa. De outro, aquilo que tal imagem originária reproduz, apresenta, desenha. Essa posição mutável entre uma ordem mágica da plena presença na qual a imagem é idêntica àquilo que mostra e uma ordem da representação que tende ao vazio, no qual, no melhor dos casos, é semelhante (uma impressão, um espelho, uma semelhança...), nunca se perdeu de todo. (KAMPER, 2002, p. 2).

A imagem tem, portanto, o poder e função de “magicizar” o mundo. A “presença mágica é essa noção de que a imagem é idêntica àquilo que ela mostra, que retém a realidade, os espíritos, a sombra.” (ROSA, 2012, p. 18). Imagens de culto e sagradas, de acordo com Wulf (2013), ocupam papel central como portadoras de poder mágico, visto que “muitos ídolos, estátuas e máscaras de tempos remotos asseguram, ao longo de sua existência, a presença do divino”. Podemos citar como exemplo as “antigas representações das deusas da fertilidade de culturas arcaicas, feitas de barro e pedra.” (WULF, 2013, p. 29). Neste momento, as imagens não só representam algo, mas coincidem com este algo; as deusas da fertilidade estão *presentes*, não representadas.

Klein (2014, p. 190) afirma que as primeiras representações figurativas desenhadas nas paredes de grutas deram início (ou pelo menos são as primeiras evidências) a uma relação mágica entre o homem e a imagem, pois, desde 50 mil anos atrás, estas imagens eram carregadas de simbolismos. De acordo com Leroi-Gourhan (apud KLEIN, 2014, p. 190), havia três principais temas mitológicos nestas imagens desenhadas nas cavernas do paleolítico: animais, seres humanos e signos. Tomando como exemplo as imagens de cavalos no interior dessas cavernas, Klein discorre sobre o assunto.

A magia implica em uma crença de que as coisas possuem uma dupla existência, na qual os limites entre o signo e o objeto representado encontram-se difusos. O cavalo está presente em sua imagem, ou melhor, a imagem mental evocada pelo significante pode se confundir com o próprio cavalo. É assim que passamos a projetar nossas visões sobre o mundo exterior até ao ponto em que ambos se misturam. (KLEIN, 2014, p. 192).

Figura 2 – Deusa da Fertilidade



Fonte: Artemirna

Figura 3 – Pintura rupestre de cavalo



Fonte: Leisepaim

Flusser (2011, p. 23), em uma linha de raciocínio convergente, afirma que “o caráter mágico das imagens é essencial para a compreensão de suas mensagens”, mas também demonstra as conseqüências do viver magicamente. “Imagens são códigos que traduzem eventos em situações, processos em cenas. Não que as imagens *eternalizem* eventos; elas substituem eventos por cenas”. Assim, a representação e a magia convergem.

Imagens são mediações entre homem e mundo. O homem ‘existe’, isto é, o mundo não lhe é acessível imediatamente. Imagens têm o propósito de representar o mundo. Mas, ao fazê-lo, entropõem-se entre mundo e homem. Seu propósito é serem mapas do mundo, mas passam a ser biombos. O homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função de imagens. Não mais decifra as cenas da imagem como significados do mundo, mas o próprio mundo vai sendo vivenciado como conjunto de cenas. Tal inversão da função das imagens é idolatria. Para o idólatra – o homem que vive magicamente –, a realidade reflete imagens. (FLUSSER, 2011, p. 23).

A realidade do homem idólatra é, provavelmente, o estágio em que nos encontramos. Precisamos discutir, porém, seu nascimento e percurso até chegar às imagens de hoje. É no escuro das cavernas que nascem as primeiras imagens exteriores e na escuridão de nossa mente que nascem as primeiras imagens que temos contato.

Da escuridão ao excesso de claridade: da caverna ao virtual

As primeiras imagens que o homem lida desde o nascimento são as do sonho, chamadas “oníricas”. Essas imagens internas são também conhecidas por “endógenas” e correspondem àquelas “geradas pelo universo interior”. Ainda sobre as imagens que estão na mente, Baitello (2006, p. 120) define que “independente da vontade e da consciência e voluntariosamente enigmáticas e cifradas, tais imagens sempre motivaram tentativas de sistemas interpretativos que buscam correspondências exteriores”.

Consideramos que essas imagens existem desde o homem primata, cujo momento de dormir e sonhar é a noite, portanto, desfavorável à visão. “A condição da imagem é, assim, o escuro, como a noite, como o interior da mente, a caixa preta do pensamento”. Produto da escuridão, esse primeiro contato imagético prova que as imagens não são feitas apenas para a luz e para a visão. É possível extrair, mais uma vez, a característica básica que a imagem carrega, pois, sendo “igualmente meio de esclarecimento e obscurecimento, ela tanto mostra como esconde, tanto expõe como oculta” (BAITELLO, 2005, p. 3) – a dualidade.

Ainda sobre o estudo das imagens endógenas, podemos dizer que suas manifestações interiores são necessárias para “organizar um sistema de significação pessoal” para que as imagens externas (exógenas) sejam “percebidas e assimiladas num sistema complexo de significados” (BAITELLO, 2006, p. 122-123). O desfalque desse sistema pode acarretar em problemas de interpretação, pois

Quando a consciência está sub-alimentada pelas imagens endógenas, ou seja, quando não há vida simbólica interior, vida reflexiva, o sistema cognitivo pessoal acaba se colocando mais no papel de mero consumidor das imagens exógenas oferecidas pelo mercado do que como receptor e transformador dessas imagens, extraindo delas apenas os seus significados funcionais, e não os demais significados mais complexos que elas poderiam evocar. (BAITELLO, 2006, p. 123).

Diferente das imagens internas, portanto, existem as exógenas, que são “criadas para transitar pelo universo exterior, sobre suportes materiais fixos ou móveis.” (BAITELLO, 2006, p. 121). Baitello (2005, p. 4) demonstra que as primeiras representações imagéticas externas são as pinturas nas paredes das cavernas – locais, assim como a noite, inadequados para a visão. “As cavernas estariam assim, no meio do caminho entre o nicho interno das imagens e o grande palco do mundo. No meio do caminho entre o escuro invisível e a visibilidade do dia”.

Do interior fixo das cavernas, as imagens começam a ganhar mobilidade quando geradas em objetos móveis que pertencem à luz do dia, como pedras, madeiras, ossos de animais, areia, couro, papiro etc. Só então as imagens passam a conhecer o sol. Logo, através da conquista do novo habitat aberto e luminoso, a imagem ganha a característica de sobreposição, ou seja, “uma fina película de pigmentos se coloca sobre uma superfície.” (BAITELLO, 2005, p. 5).

Neste momento, pode-se dizer que as “imagens são, portanto, resultado do esforço de se abstrair duas das quatro dimensões espaço-temporais, para que se conservem apenas as dimensões do plano [...]” (FLUSSER, 2011, p. 21). Exatamente por ser uma imagem plana, a tendência é chegar ao seu conteúdo superficial. Baitello (2006, p. 6) defende que é esse suporte, por ser de fácil acesso e baixo custo, o que torna possível o fenômeno da multiplicação, da profusão das imagens, através da produção em larga escala.

Existe, portanto, uma exacerbação das imagens externas, em detrimento das endógenas, que se tornam cada vez mais inacessíveis. Estas, “ao invés de cumprirem o papel de alimentar o âmbito externo, passam a espelhá-lo indiscriminadamente e acriticamente” e o resultado disso é que “o homem dos séculos XX e XXI se vê continuamente solicitado a responder às imagens do mundo, mas não pode organizá-las no seu próprio mundo interior, caótico e subnutrido de vínculos internos [...]” (BAITELLO, 2006, p. 121-122). É, portanto, neste contexto que se encontra o homem contemporâneo, diante de uma profusão de imagens exógenas planas e virtuais, principalmente daquelas que surgem através das telas.

Enxergamos o mundo através de janelas

Chega-se ao consenso de que as imagens exógenas estão em todos os lugares o tempo todo. Através do desenvolvimento tecnológico, inserem-se novos conceitos dentro desse universo imagético. Flusser (2011) fala sobre imagens técnicas, que são produzidas por aparelhos, como a fotografia.

É comum o pensamento de que as imagens nascidas a partir de aparelhos não precisam ser decifradas, e isso torna sua interpretação mais difícil.

O caráter aparentemente não-simbólico, objetivo, das imagens técnicas faz com que seu observador as olhe como se fossem janelas e não imagens. O observador confia nas imagens técnicas tanto quanto confia em seus próprios olhos. Quando critica as imagens técnicas (se é que as critica), não o faz enquanto imagens, mas enquanto visões do mundo. (FLUSSER, 2011, p. 10).

Flusser (2011) atribui à natureza plana da imagem o fator mais importante no deciframento dela. Ainda de acordo com Flusser (2011, p. 22), “o significado da imagem encontra-se na superfície e pode ser captado por um golpe de vista”, deste modo, passa a se conhecer o seu significado superficial. Para o conhecimento de um significado mais aprofundado, porém, é necessário “vaguear pela superfície da imagem”. A este ato, o autor (2011) dá o nome de scanning. “O traçado do scanning segue a estrutura da imagem, mas também impulsos no íntimo do observador” (FLUSSER, 2011, p. 22). Quando analisada desta forma, o significado será uma síntese entre as intencionalidades do emissor e do receptor; desta forma, aqueles que olham para uma imagem estão em um espaço interpretativo, já que os símbolos imagéticos são, por definição, conotativos.

Partindo do princípio de que as imagens planas são vistas, grande parte do tempo, a partir de telas (de computadores, celulares, tablets, televisões etc.), precisamos entender as características desse meio. Baitello (2012) compara as telas a janelas, denominando-as janelas sintéticas.

[...] janelas são iscas para capturar o nosso olhar. São arapucas com o poder de atrair a atenção, pois prometem conduzir, transportar, viajar para o espaço de fora e o distante, o lugar onde não estamos, transportam-nos para o longe que não podemos alcançar, são uma forma de utopia. Mas, como toda arapuca, também aprisionam. E aqui as janelas aprisionam o olhar, direcionando-o para seus cenários, domesticando-o, ensinando-o a ver apenas o que está dentro dos recortes de suas molduras, de suas esquadrias. (BAITELLO, 2012, p. 53).

Janelas também são comparadas a retângulos, pelo formato. O autor (2012) parte disso quando define o ver retangularmente, que é o olhar domesticado, que só consegue enxergar aquilo que está dentro do retângulo. Surgem, portanto, as janelas sintéticas, que são “recortes de tempo e de espaço, molduras que apresentam experiências e vivências. Não são as vivências e experiências, elas próprias, mas uma simplificação delas, como se fossem uma imitação ou uma cópia [...]” (BAITELLO, 2012, p. 52). Justamente por mostrar somente um ponto de vista recortado, Baitello (2012, p. 55) acredita que “[...] toda janela, como todo retângulo, como toda imagem, mais esconde do que mostra” e, exatamente por isso, a característica de sedução está presente, “porque escondem e nos desafiam a ver o que está escondido, conduzem-nos a imaginar o que não é mostrado”.

As telas têm função de mediação, por isso são consideradas mídias. Ainda segundo Baitello (2012, p. 58), a palavra mídia tem origem em *media*, do latim e, através de outras raízes, significa “aquilo que fica no meio”. É, portanto, “o meio de campo que procura superar o abismo entre o eu e o outro” (BAITELLO, 2012, p. 60). Pode parecer estranha a definição, já que é possível perceber a existência da tela-dependência na atualidade. Este termo, levantado por Baitello (2012), significa a dependência e desejo por telas e imagens. A tela-dependência, porém, cria uma teledependência, “ou seja, uma dependência da distância. Busca-se uma proximidade do distante, na forma de imagem. Tudo o que está próximo, ao redor, é, em alguma medida, ignorado [...]” (BAITELLO, 2012, p. 89). É desta forma que a imagem e as janelas contribuem para o distanciamento do outro e para a domesticação do olhar.

Imagem por imagem: a crise da visibilidade e do ver

Desde os primórdios do homem, temos um predomínio do olhar a outros sentidos, que se dá pelo “desejo humano de organizar a relação com o mundo de modo eminentemente visual através do domínio do espaço.” (KAMPER, 2002, p. 2). De acordo com Bystrina (1995), a migração das florestas para as savanas faz com que o homem mude sua postura para a vertical (assume postura ereta). Desta forma, o “*Homo erectus* fica em pé, libertando as mãos” (WULF, 2013, p. 23) e, com isso, passa a ter um novo sentido no olhar; o perigo agora “vem de todas as direções vislumbradas do

horizonte.” (BYSTRINA, 1995, p. 3). Baitello (1997) apresenta a hipótese de que a verticalização do ancestral do homem teria o obrigado a levantar a cabeça – feito este que liberou a glote e possibilitou o desenvolvimento do aparelho fonador. A vegetação densa e alta da savana atrapalha sua visão, mas sua nova característica permite que ele desenvolva gritos de alerta. Em seguida e com o tempo, os gritos transformam-se em língua. O código central até então estava nos gestos.

Assim, entre o momento de passagem do gestual para o vocal e a nossa era, de saturação da visualidade, há um longo caminho. A visão foi o sentido-chave para o desenvolvimento das primeiras técnicas de conservação da informação, os registros sobre pedras, ossos e paredes de rochas. Foi o império da visão que abriu as portas para a escrita e seus desdobramentos notáveis como o livro e a imprensa. No entanto toda mídia tem seu limite de saturação e toda saturação leva a um torpor. A saturação da visão cria as condições para que a gente não veja mais as coisas. Todos nós já experimentamos esta sensação de enxergar sem ver. (BAITELLO, 1997, p. 14).

Sobre o cansaço do ver, Baitello (1997, p. 20) diz que existe a obrigação de ver e enxergar o tempo todo, mas somente conseguimos olhar para “imagens desconectadas do seu sistema e do seu entorno”. Chegamos à noção pessimista de que não se enxerga mais nada, “já não vemos mais nexos, relações, sentidos.”

Essa hipertrofia da visualidade, para Baitello (2006, p. 117), faz com que haja uma desvalorização dos outros sentidos, como o tátil, olfativo, gustativo, auditivo e até mesmo os sistemas perceptivos sômato-sensitivos, que são aqueles que “sinalizam principalmente aspectos do estado do corpo” (DAMÁSIO, 2000 apud BAITELLO, 2006, p. 117), próximos aos sentimentos.

Podemos atestar que “somos assim obrigados a nos tornar imagens antes mesmo de nos tornarmos pessoas. Somos obrigados a ser apenas visuais. Tudo o mais, todo o restante é dispensável. É acessório.” (BAITELLO, 1997, p. 7). O problema vem com o fato de que a visualidade tem um tempo curto e rápido, portanto, tudo aquilo que é visível, naturalmente morre mais depressa.

Por isso, vivemos também numa época da perecibilidade. A época do one-way, do descartável. A onipresença e a onipotência da imagem nos compelem a um universo descartável. Daqui a um ano, ninguém mais vai se lembrar do cartaz deste evento, de sua visibilidade. Mas seguramente, todos nós vamos nos lembrar do que conversarmos, do

que falarmos, do que experimentarmos durante o evento. (BAITELLO, 1997, p. 8).

É, portanto, exatamente pela obrigação de ter e ser imagens que Baitello (1997, p. 8) decreta que vivemos hoje numa era da saturação da imagem e da visibilidade. Mas essa saturação não leva somente ao não ver; atinge camadas mais profundas das relações humanas, pois “quanto mais inflarmos a imagem, mais estaremos contribuindo para que o outro não nos veja mais” (BAITELLO, 1997, p. 19). É uma contribuição também para a cegueira ou insensibilidade. Quando se trata de imagem, quanto mais visível, maior será a invisibilidade. O vício pela imagem distancia as pessoas e faz com que as relações sejam cada vez mais virtuais.

A solução, para Kamper (2002), seria abolir as imagens. Entretanto, como não nos parece possível, podemos pensar em outra solução – talvez poética – para a cegueira dos sentimentos. O fechar dos olhos, neste sentido, nos parece uma saída palpável. “O olho aberto está sempre pronto para fazer a alma falir; o olho fechado, ao contrário, está sempre pronto a fazê-la alçar para Deus” (KARDEC, 2008, p. 94). Chegamos à conclusão de que “[...] a cegueira dos olhos é, frequentemente, a verdadeira luz do coração, enquanto que a vista é, frequentemente, o anjo tenebroso que conduz à morte”.

REFERÊNCIAS

BAITELLO Jr., Norval. **A cultura do ouvir**. Seminários Especiais de Rádio e Áudio - Arte da Escuta - ECO. 1997.

BAITELLO Jr., Norval. **“Incomunicação e imagem”**. In: BAITELLO, N.; CONTRERA, M. S.; MENEZES, J. E. O. (Org.). Os meios da incomunicação. São Paulo: Annablume, 2005

BAITELLO Jr., Norval. **O pensamento sentado**: Sobre glúteos, cadeiras e imagens. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2012.

BAITELLO Jr., Norval; CONTRERA, Malena. **Na selva das imagens**: algumas contribuições para uma teoria da imagem na esfera das ciências da comunicação. Inter.Ação.com, São Paulo, nº 5, volume I, ano IV, dezembro de 2006.

BYSTRINA, Ivan. **Tópicos da semiótica da cultura**. São Paulo: Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Semiótica da Cultura e da Mídia, 1995.

FLUSSER, Vilem. **A Filosofia da Caixa Preta** - Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Annablume, 2011.

KAMPER, Dietmar. **Imagem**. São Paulo: Biblioteca do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia (www.cisc.org.br) – CISC, 2002.

KARDEC, Allan. **O Evangelho segundo o Espiritismo**. 2008.

KLEIN, Alberto. **Imagem: arqueologia e conceitos**. Significação (UTP), São Paulo, v. 23, p. 175-194, 2014.

ROSA, Ana Paula. **Imagens-totens**: a fixação de símbolos nos processos de midiatização. São Leopoldo, 2012.

SILVA, José Lourenço Pereira. **A definição de imagem no Sofista de Platão**. Cadernos de Atas da ANPOF, nº 1, 2001.

WULF, Christoph. **Homo Pictor**: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado. São Paulo, 2013.